



Guerra ao narcotráfico

Após tráfico tomar TV e iniciar onda de ataques, Equador põe Exército na rua

— Daniel Noboa declara ‘conflito armado interno’ um dia depois de decretar estado de exceção, designa 22 facções como ‘terroristas’ e convoca militares para reprimir o crime

QUITO

Grupos criminosos lançaram ontem uma série de ataques em cidades do Equador um dia depois de o presidente, Daniel Noboa, ter decretado estado de exceção para combater o narcotráfico. Noboa respondeu designando várias organizações como “terroristas” e mandando o Exército às ruas.

Os ataques de ontem, que ocorrem em paralelo à invasão de um canal de TV ao vivo em Guayaquil, a maior cidade do país, incluem queima de carros e ônibus, sequestros de policiais e vandalismo. Ao menos quatro policiais estão em poder de criminosos e um está desaparecido.

Em Esmeraldas, próximo à fronteira com a Colômbia, criminosos atearam fogo em carros. Aulas foram canceladas e comércios, fechados. O governo não divulgou um balanço geral, mas relatos apontam que várias cidades sofreram ataques simultâneos, incluindo Quito e Guayaquil.

O Equador vive há anos um aumento da violência relacionada ao narcotráfico. Espremido entre dois dos maiores produtores de cocaína do mundo — Peru e Colômbia —, o país virou rota de escoamento da droga, principalmente através dos portos de Guayaquil, Esmeraldas e Manta.

No ano passado, criminosos mataram a tiros o candidato

presidencial Fernando Villavicencio após um comício no norte de Quito. O crime foi atribuído aos Choneros, maior facção criminal do Equador. O então presidente, Guillermo Lasso, prometeu que o crime não ficaria impune. Seis colombianos foram presos, mas todos morreram na prisão alguns meses depois.

TERROR. No domingo, Adolfo Macías, conhecido como “Fito”, líder dos Choneros, fugiu de uma prisão de Guayaquil. A fuga levou o presidente a decretar estado de exceção em todo o país, incluindo um toque de recolher das 23 horas às 5 horas por 60 dias, uma ferramenta comum de política pública: desde 2019, foram mais de 40 estados de exceção declarados no Equador.

Mas pouca coisa mudou. O Equador viveu uma nova madrugada de terror, com policiais sequestrados em várias cidades. Ontem, a situação se agravou. Homens armados e encapuzados invadiram o estúdio da emissora TC Televisión em Guayaquil. O canal estava ao vivo e registrou o momento em que um grupo de bandidos avançou e ameaçou jornalistas e cinegrafistas.

Durante a invasão, disparos foram ouvidos no estúdio e os funcionários da emissora usaram o WhatsApp para pedir ajuda: “Socorro, eles querem nos matar”, dizia a mensagem. Sem dar detalhes, a polícia



Imagem de TV mostra momento em que bandidos armados tomam canal TC Noticias, de Guayaquil

anunciou que controlou a situação, após realizar “várias prisões”, e divulgou fotos que mostram pelo menos dez suspeitos deitados no chão, com as mãos atadas.

CONFLITO. Noboa agiu rápido e decretou ontem “conflito armado interno” no Equador. O decreto considera 22 facções criminosas como organizações terroristas e autoriza os militares a agir para combater todas as facções. “Ordenei às Forças Armadas que realizem operações militares para neutralizar esses grupos”, disse o presidente equatoriano. ● EFE, AP e AFP

Governo mobiliza 3 mil policiais para capturar chefe de facção

José Adolfo Macías Villamar, o Fito, de 44 anos, chefe dos Choneros, principal organização criminosa do Equador, continua desaparecido. Ele cumpria pena de 34 anos por crime organizado, narcotráfico e homicídio. Autoridades disseram que dois carcereiros foram acusados de envolvimento na fuga, enquanto 3 mil policiais foram enviados para caçar o criminoso.

“Não vamos negociar com terroristas”, disse o presidente do Equador, Daniel Noboa, um empresário de 36 anos. “Esses grupos narcoterroristas pretendem nos intimidar e acreditam que cedemos às suas exigências.”

A taxa de homicídios do Equador em 2023 foi de 46,5 assassinatos por 100 mil habitantes — oito vezes mais do que era em 2018. O presidente Daniel Noboa atribui o aumento da violência a uma retaliação pelas suas ações para “recuperar o controle” das prisões equatorianas. ● AP

Tráfico reage a plano de Noboa contra crime

JORGE C. CARRASCO

A onda de violência no Equador, segundo a avaliação de analistas, é uma reação de grupos criminosos à política repressiva do governo de Daniel Noboa, uma estratégia que tenta emular a guerra ao crime promovida em El Salvador pelo jovem presidente Nayib Bukele.

“Estamos vivendo uma onda de terror por causa de gru-

pos narcotraficantes”, disse ao Estadão Kleber Carrión, ex-oficial da Polícia Nacional e especialista em segurança e inteligência. “Há uma grande conexão nas províncias, especialmente na costa, com muito medo e à espera de que o Estado reaja.” Carrión acredita que os acontecimentos recentes sejam uma espécie de ação retaliatória contra as políticas do Estado.

Carolina Andrade, secretária de segurança de Quito, con-

corda. Ela afirmou que o pico de violência deixou o Equador em estado de exceção, para que o Estado mobilize seus ativos para superar a crise.

PROMESSAS. Durante a campanha presidencial, no ano passado, Noboa prometeu comprar barcos-prisões para encarcerar os líderes do tráfico a mais de 100 quilômetros da terra-firme. Em dezembro, ele afirmou que esta seria apenas uma medida provisória para retirar os presos que representam ameaças à segurança pública, mantendo-os isolados até que as prisões de segurança máxima sejam concluídas.

Até o momento, Noboa iniciou a construção de duas pri-

sões no “estilo salvadorenho” e busca imitar a política de “mão pesada” de Bukele, que declarou guerra às gangues, superlotando as prisões de El Salvador com mais de 60 mil novos presos, muitos sem relação com o crime e tratados co-

Os últimos três governos do Equador tentaram resolver a crise carcerária, mas sem sucesso. Os complexos prisionais abrigam hoje mais de 31 mil detentos e funcionam como uma base de operações dos narcotraficantes.

Crise carcerária As prisões do Equador abrigam mais de 31 mil detentos e funcionam como base dos traficantes

mo “danos colaterais”. Criticando por ativistas e ONGs, Bukele vem ignorando as acusações de violações dos direitos humanos.

INFILTRAÇÃO. No entanto, para Carolina Andrade, o problema é mais profundo. “Há uma grande infiltração de criminosos no sistema”, disse. “Os mecanismos de inteligência do Equador não conseguem dar conta das ações destes grupos. Estes eventos recentes têm o objetivo de espalhar o medo e a propaganda para desestabilizar o governo de Noboa.” ●